

HUMBERTO WERNECK

O desatino da rapaziada

*Jornalistas e escritores em Minas Gerais
(1920-1970)*

2^a edição



Copyright © by Humberto Werneck

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Elisa v. Randow

Imagem da capa

Café Acadêmico, Belo Horizonte, década de 1920.

Todos os esforços foram realizados para identificar os personagens da fotografia.

Preparação

Márcia Copola

Índice remissivo

Lucíola Silveira de Moraes

Revisão

Laura Vecchioli

Paula B. P. Mendes

Este livro integra o conjunto editorial, documental e iconográfico da exposição “A Imprensa em Minas Gerais”, apresentada na Casa da Cultura de Poços de Caldas, de 8 de agosto a 4 de outubro de 1992.

Para sua realização o autor contou com bolsa de estudos do Instituto Moreira Salles, que concebeu e organizou a mostra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Werneck, Humberto

O desatino da rapaziada : jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970) / Humberto Werneck. – 2^a ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2126-7

1. Escritores brasileiros - Minas Gerais - Biografia 2. Jornalistas - Minas Gerais - Biografia I. Título. II. Título: Jornalistas e escritores em Minas Gerais.

12-06166

CDD-928.699

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores mineiros : Biografia 928.699
2. Minas Gerais : Escritores : Biografia 928.699

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. “Aqui há Otis!”	13
2. Tempos modernos	19
3. Bondes e boatos	34
4. Do alto de um viaduto	45
5. Um caderno de fel	53
6. Os ases de Cataguases	66
7. A luz da “Electrica”	80
8. A cidade que Gutenberg esqueceu	84
9. Um forasteiro taciturno	92
10. Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse	102
11. “Minas está onde sempre esteve”	113
12. Encontros marcados	123
13. Sob as asas de JK	135
14. Paciência e esperteza	147
15. Que era isto, companheiros?	160
16. Coisa de cinema	171
17. Os aflitos da forma	184
18. Saudades de antigamente	191
19. As montanhas vistas de longe	200
Créditos das imagens	208
Índice remissivo	209

Desatino + 20

Relido vinte anos depois de sua publicação, em julho de 1992, bem pouco foi mudado neste livro. O desaparecimento, nessas duas décadas, de vários de seus personagens, quase todos eles entrevis-tados para esta crônica – Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Francisco Iglésias, Cyro dos Anjos, tantos mais –, pôs uns verbos no passado. Aqui e ali, buscou-se afinar o foco de alguma infor-mação, e sobre as imperfeições mais clamorosas do texto correu-se uma lixa. Mas foi só. Mais que isso, acha o autor, seria escrever outro livro – desatino que ele, a esta altura da vida, prefere deixar para a rapaziada.

Humberto Werneck
São Paulo, junho de 2012

O que este livro possa ter de bom, se tiver, deve muito a várias pessoas. Antes de mais nada, a Antonio Fernando De Franceschi, que teve a ideia e, por intermédio do Instituto Moreira Salles, proporcionou os meios para levá-la adiante, no espaço de poucos meses, num esforço em que foi decisiva a colaboração de Silvana Goulart e Zuleika Alvim. Às pesquisadoras Marina Tymburibá e Juliana Duarte, que, de Belo Horizonte, enviaram informações preciosas e, com paciência exemplar, procuraram atender à curiosidade por vezes ensandecedora do autor. A Afonso Borges, cuja contribuição não se limitou a diversas entrevistas feitas em Belo Horizonte. A Heitor Ferraz Mello, solidário em cada passo do trabalho. A Otto Lara Resende, Antonio Candido, Francisco Iglésias, Wilson Figueiredo, Geraldo Mayrink, Inácio Muzzi da Fonseca, Luiz Schwarcz, José Maria Mayrink, Márcia Copola e Maria Emília Bender, leitores atentos que tudo fizeram para reduzir os defeitos deste *Desatino*.

Foi extremamente útil a leitura de uns tantos autores, entre os quais não poderia esquecer Autran Dourado, Antônio Sérgio Bueno, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Delso Renault, Delson Gonçalves Ferreira, Djalma Andrade, Eduardo Frieiro, Fernando Cor-

reia Dias, Fernando Sabino, Ivone Luzia Vieira, Kátia Bueno Romanelli, Márcio da Rocha Galdino, Maria Zilda Ferreira Cury, Moacyr Andrade, Paulo Emílio Salles Gomes, Paulo Kruger Correa Mourão, Paulo Mendes Campos, Paulo Pinheiro Chagas, Pedro Nava e Rubem Braga.

Com risco de cometer injustiças, quero dizer que sou grato, também, a Ana Maria Werneck, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, Aracy Seljan, Carla Nogueira Wanderley, Carlos Alberto Sardenberg, Cecília Andrade, Cecília Niji, Celia Chaim, Danilo Gomes, Elaine Queiroz, Esther Caldas Bertoletti, Ettore Cottini Filho, Fernando Moraes, Flaminio Fantini, Francisco Carlos de Andrade, Gerson Sabino, Gilberto Arcari, Hélio Gravatá, Helle Alves, Hugo Eiras Furquim Werneck, Jacques do Prado Brandão, Jaime Prado Gouvêa, João Cândido Portinari, José Castello, José Costa Monteiro, José Maria Cançado, Lúcia Machado de Almeida, Lúcio Antônio Miranda da Silva, Luiz Carlos Junqueira Maciel, Márcia Goulart Andrade Hack, Maria Angela Botelho Pereira, Nathalia de Avellar Azeredo, Nísia Maria Duarte Werneck, Otávio Werneck, Rachel Braga, Ronaldo Werneck, Ruth Brandão de Azeredo, Sérgio Buarque de Gusmão, Sonia Maciel Moraes, Suzana Schild, Valter Donizeti Macedo, Vida Alves, Wilson Leão e Yedda Braga Miranda.

Um agradecimento carinhoso, uma vez mais, nunca suficiente, à Mariza, pela paciência com o texto e seu autor. Ao Paulinho e à Luiza, pela ajuda na feitura do índice onomástico. Aos três, pelos muitos fins de semana sacrificados.

1. “Aqui há Otis!”

A história que aqui se vai contar começa no ano de 1921, no instante em que a mais famosa de suas personagens, um adolescente magrinho, de óculos, entra numa redação de jornal, na rua da Bahia, em Belo Horizonte. E termina, meio século depois, com alguns rapazes abandonando outra redação, não longe dali, na avenida Augusto de Lima.

Entre esses dois momentos, o fio de nossa história vai e volta, serpenteia, percorre outros pontos do mapa de Minas Gerais — embora quase toda ela se passe no centro de Belo Horizonte. Em sentido físico, as personagens que a animam, nesses cinquenta anos, transitam nos poucos quarteirões delimitados por aquelas duas redações. Em sentido figurado, elas transitam no território onde convivem — ou tentam conviver — o jornalismo e a literatura.

Em outras palavras, aqui se vai falar de escritores das Gerais e de sua vida dentro e em torno das redações de jornais e revistas. Aqui se vai falar, também, da propensão que têm esses escribas para fazer as malas, fincar barraca em outro canto — e, lá de fora, ficar olhando, cada vez mais obsessivamente, para sua terra natal. É, aliás, o que se preparam para fazer aqueles rapazes que, no final da história, estão deixando a redação do *Minas Gerais*, na avenida Augusto de Lima.

* * *

Mas estamos ainda no começo, no moço de óculos em quem já é possível reconhecer Carlos Drummond de Andrade. Tem dezoito anos e, não faz muito, foi expulso do Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, no estado do Rio, por “insubordinação mental”. Quatro anos mais tarde a pena azeda de um literato belo-horizontino, por detrás de pseudônimo, vai descrevê-lo como “aquele mocinho esgrouviado, que tem cara de infusório”. Será visto, nessa época, como o líder de um grupo de jovens escritores “futuristas”, cujos desmandos poéticos vinham perturbar a parnasiana harmonia da paisagem literária das Minas Gerais. Razão deviam ter os jesuítas de Nova Friburgo em chamá-lo de “anarquista”.

Por ora, no entanto, neste ano de 1921, quando ele sobe as escadas para deixar um artigo nas mãos de José Oswaldo de Araújo, diretor do *Diário de Minas*, não há nada na figura de Carlos Drummond de Andrade que sugira mau comportamento. Pelo contrário. Sua rigidez corporal, por exemplo, faz pensar numa sensualidade domada de seminarista. O filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade é durinho e anda sem mover os braços. Contará mais tarde que, passando em frente a uma pensão de estudantes, os rapazes mexeram com ele — “Abana o braço, moço, abana o braço!” — e que, indignado, retrucou com uma bem dobrada “banana”. Muito esforço será necessário para destravar esse corpo e torná-lo capaz de dar cambalhotas para divertir as crianças, como fará, chaplinianamente, até pouco antes de morrer, aos 84 anos, em 17 de agosto de 1987.

Mas o que nos interessa, aqui, é aquela sua primeira incursão no *Diário de Minas*, jornal que ele até então namorava à distância. Por essa altura os Drummond de Andrade já não viviam na sua Itabira — o coronel se instalara com a família no Hotel Internacional (depois rebatizado, com mais modéstia, Hotel Itatiaia), na esquina da rua dos Caetés com a praça da Estação, em Belo Horizonte.

No térreo desse prédio, além de um bar e uma barbearia, funcionava a redação de um vespertino inexpressivo, o *Jornal de Minas*. Havia sido fundado em julho de 1918 como órgão oficial de uma ainda menos relevante Associação Mineira de Imprensa, e, façanha rara naquele tem-

po, sobreviverá por quatro anos, até julho de 1922. Dele se lembrará o poeta nos versos de “Oposição sistemática”:

*O jornalzinho oposicionista da praça da Estação,
onde exalo vagidos literários,
xinga o Presidente, xinga o secretário...*

Os “vagidos literários” em questão foram os primeiros textos de Carlos Drummond de Andrade publicados na imprensa de Belo Horizonte. Não exatamente sua estreia tipográfica, ocorrida em 1918 nas páginas da *Aurora Colegial*, do ginásio de Nova Friburgo — onde, para sua extrema irritação, os padres não hesitavam em adoçar e enfeitar o que os alunos escreviam. Houve depois, no mesmo ano, o número único de *Maio...*, com reticências e tudo, que seu irmão Altivo publicou em Itabira e no qual estampou, à revelia do autor, um poema em prosa, “Onda”, assinado com o pseudônimo Wimpl. Mas na grande imprensa, se assim se pode chamar o “jornalzinho oposicionista da praça da Estação”, a estreia de Carlos Drummond de Andrade vai acontecer no *Jornal de Minas*, com o artigo “Diana, a moral e o cinema...”, publicado a 15 de abril de 1920. Tinha, então, dezessete anos.

Todos os dias, enquanto morou no Hotel Internacional, ele passava pela redação para ler a primeira página do vespertino, afixada na parede. Tinha já pela imprensa a fascinação que o levará a afirmar, na idade madura, ser o jornalismo profissional “a única coisa na vida que faria com certo prazer”. Não a simples colaboração literária, esclarecerá, mas o “jornalismo no duro, que vai pela noite adentro ou pelo dia afora, conforme a pressão da notícia”. Ofício apaixonante que ele, engolfado pela burocracia, acabaria praticando “em escala mínima”, como “jornalista bissexto”.

Não é de espantar, assim, que o primeiro texto de Carlos Drummond de Andrade na imprensa belo-horizontina tenha sido inspirado num assunto que, por aqueles dias, tomava conta da provinciana capital mineira — uma cidade que mal completara 22 anos de vida e que não

somava mais de 55 563 habitantes (o Rio de Janeiro, então capital federal, tinha 1 milhão 160 mil, e São Paulo, 580 mil). O Cinema Pathé — não o da avenida Cristóvão Colombo, bem posterior, mas o da avenida Afonso Pena, recém-inaugurado — estava exibindo *Diana, a caçadora*, filme, provavelmente americano (os letreiros, naquele tempo, nem sempre se preocupavam em indicar a procedência da obra, ou o nome do diretor), que logo se tornou assunto obrigatório entre os belo-horizontinos.

“Mais do que prejudicial, é nojento”, cuidou de advertir um anúncio da pudibunda Liga pela Moralidade, órgão da União de Moços Católicos (a cujas fileiras pertenceu um jovem tenente cearense, Humberto de Alencar Castelo Branco, que o golpe militar de 1964 fará presidente da República). Os julgamentos da Liga em matéria cinematográfica eram publicados todos os dias no *Minas Gerais*, o jornal oficial do governo mineiro.

*Cada manhã, a Liga pela Moralidade,
serviçal, pontual,
indica aos filmes que podemos ver,
os prejudiciais,
os com reserva,
os inofensivos,*

evocará Drummond no poema “A difícil escolha”. Naquele abril de 1920, por exemplo, os editais da Liga informavam que *Máscara no mar* era não apenas inofensivo como interessante. O mesmo não se passava, porém, com *Em palpos de aranha*, filme a ser visto “com reservas”, em razão de “abundantes cenas aterrorizantes”; com *Vida esportiva*, no qual havia “abuso de decotes”; com *Atualidade Fox, nº 3* (“ligeiras reservas por inconveniência de um vestuário”); e com *Fé que não morre*, “por causa de um crime emocionante, motivado pelos instintos bestiais de um bruto”.

Nada disso, contudo, era mais deletério que o “nojento” *Diana, a caçadora*, fulminava a Liga pela Moralidade. Contra ele, ouriçou-se a família mineira. No dia da estreia, bandos de moços piedosos investiram contra a fachada do cinema, dispostos a rasgar os cartazes do filme, nos

quais, segundo um cronista local, Diana — vivida por atriz desconhecida, certa Baronesa De Witz, à frente de um elenco não menos obscuro — se exibia “nuinha”. Por pouco não foi preciso cancelar a sessão.

Drummond não gostou de *Diana, a caçadora*, mas não porque o escandalizasse a desinibição da atriz. O filme, para ele, era “uma grossa pinoia”. “Formidável *bluff*”, escreveu o crítico estreante, pontificando na primeira página do *Jornal de Minas* com os apóstrofos então em moda, “a película tanto tinha d’imoral quanto d’artístico — nada.” Em outras palavras, não agradava a ninguém. Ainda por cima, liquidou ele, não levava em conta “o essencial: a verdade mitológica”.

A colaboração assim iniciada se tornou frequente. Foram, ao todo, seis artigos para o *Jornal de Minas*. Mas pagava-se tão pouco que Drummond resolveu tentar a sorte no *Diário de Minas* — publicação também modesta, é verdade, porém prestigiosa ao ponto de ter entre seus colaboradores o poeta Alphonsus de Guimaraens, ninguém menos que o grande Alphonsus. Por que não?, perguntou-se o garoto itabirano. E, tendo escrito um pequeno artigo sobre *Tántalos*, livro de contos de Romeu de Avellar, pseudônimo do alagoano Luís de Araújo Morais, foi levar sua “tira” (ainda não se escrevia em laudas, e sim em aparas de papel jornal) ao diretor do *Diário de Minas*, José Oswaldo de Araújo, poeta parnasiano de renome estadual, futuro banqueiro e prefeito de Belo Horizonte.

Muitos anos depois, quando já não se dizia “tira”, José Oswaldo reconstituiu a cena num artigo em homenagem ao poeta:

Achava-me, por volta das nove da noite, escrevendo na redação um palmo de cronileta para o cabeça do registro social, quando entra, sala adentro, um rapazinho magro, pálido, vestido de preto. Estaria de luto? Cumprimentou-me e apresentou-me uma lauda, traçada com letra firme, talho intelectual: — Se o senhor julgar publicável... A página, em prosa, logo lida, agradou-me sobremaneira. Quando busquei o autor para manifestar-lhe a impressão, já ali não se encontrava. Havia desaparecido. E o estranho era que a colaboração trazia, como assinatura, um “X”, creio eu. Foi nessa conjuntura — não me traia a memória cansada — que resolvi contar o caso na crônica que começava a redigir. Falei do moço desconhecido e, ao ensejo, vaticinei-lhe carreira vitoriosa nas letras, caso não as viesse abandonar.

Só nos detalhes a memória traiu José Oswaldo de Araújo, falecido ainda lúcido em 1975. O artigo sobre *Tântalo*, publicado a 13 de março de 1921, trazia como assinatura as iniciais do autor. O que saiu com um “X” foi a apresentação do jovem colaborador, escrita por José Oswaldo e publicada quase uma semana depois, a 19 de março, como abertura da seção “Crônica social”:

Carlos Drummond, que iniciou com duas páginas de linguagem medida e pensamentos originais a sua colaboração neste jornal, é um adolescente cuja cabeça se coroa com as rosas delicadas da primeira mocidade.

A sua pouca idade, porém, só se revela na figura franzina, nos olhos de sonhador e na timidez das primeiras aproximações: o seu estilo, sem excessos condenáveis e sem bizarrias industriosas, bem como os seus pensamentos lúcidos e a sua cultura bem dirigida — tudo delata nela um espírito sazonado, que já pode produzir cousas que fiquem pela beleza vigorosa e pela cintilação intensa.

No seu equilíbrio sensato, a convivência, em leitura, com Wilde, com Forjaz e com António Ferro coloca de quando em quando relâmpagos de irreverência e de audácia, que são um encanto. Deu-lhe, ao mesmo passo, a familiaridade desses escritores uma predileção serena pelos símbolos eloquentes.

Carlos Drummond, que é um precoce tendo muito aquilo que Wilde via em todos os precoces, está fadado a luminosas vitórias. A sua aparição no jornalismo pode ser saudada com aplausos, porque assinala os primeiros passos de quem tem “jornada longa que fazer”.

Estas palavras, que aí ficam, representam a minha modesta braçada de lirios, que trago para saudar o moço aureolado de tão radiosas esperanças.

O antigo diretor do *Diário de Minas* contaria, anos mais tarde, a impressão que lhe causou o comentário de um amigo, o escritor Afonso Pena Júnior, ao ler os primeiros poemas de Drummond: “Aqui há Otis”, sentenciou o futuro ensaísta de *A arte de furtar e seu autor*, poeta simbolista já quarentão, que em sua juventude brilhara em dois grupos literários belo-horizontinos, os Cavaleiros do Luar e os Jardineiros do Ideal. “Aqui há Otis” — eram estes os dizeres das placas que anunciam a instalação de elevadores, um dos signos da modernidade que, ufa, desembarcava na jovem capital de Minas.